

**AS VOZES PERDIDAS (?) NA NATUREZA SELVAGEM EM *GONE INDIAN*, DE
ROBERT KROETSCH**

GARCIA, Régis de Azevedo (autor)
CUNHA, Rubelise da (orientadora)
regisgarcia@gmail.com

Evento: Encontro de Pós-Graduação
Área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Palavras-chave: Literatura canadense, identidade, representação do indígena

1 INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é o estudo das possíveis leituras do labirinto de narrativas presentes na natureza selvagem e no silêncio no romance *Gone Indian* (1973), de Robert Kroetsch. Por tratar-se de um recorte da dissertação de mestrado “Silêncio no labirinto das vozes: uma leitura das narrativas da inocência em *Gone Indian*, de Robert Kroetsch”, serão assinaladas lacunas na narrativa das principais personagens do romance, que devem formar este labirinto de vozes, denunciando os potenciais significados que emergem quando tais narrativas são confrontadas por discussões e pela crítica pós-colonial em termos de representação. Em outras palavras, estes escritos devem servir para examinar a maneira pela qual o desenvolvimento do silêncio e da voz devem se apresentar no romance e como são problematizados junto às representações da natureza selvagem a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e pós-coloniais, e das teorias desenvolvidas por Gayatri Spivak, Homi K. Bhabha, Rey Chow e outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando que este excerto estrutura-se em torno da questão da identidade e da representação, é possível destacar a ideia de Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998), que entende que a questão da representação em grande parte dos textos e do discurso pós-moderno e pós-colonial está intrinsecamente ligada ao signo do repressivo, carregando em si uma espécie de ansiedade que problematiza a questão da autenticidade e, por este motivo, “emerge a necessidade de uma análise global da cultura” (BHABHA, 1998, p. 297). Para Bhabha, a “mímica emerge como uma das estratégias mais ardilosas e eficazes do poder e do saber coloniais” (BHABHA, 1998, p. 130). Por outro lado, para Gayatri Spivak, a representação, no seu sentido político, é “apenas uma ‘ação’, o teórico não representa (fala por) o grupo oprimido. De fato, o sujeito não é visto como uma consciência representativa (uma consciência que re-presenta a realidade adequadamente)” (SPIVAK, 2010, p. 31-32). Para Rey Chow, em acordo com Spivak, o subalterno não pode falar. O nativo só encontra nas suas possíveis representações o lugar de objeto silencioso. Contudo, para a autora, “é apenas quando percebemos o fato de que o subalterno não pode falar que podemos começar a desenvolver uma espécie diferente de processo de identificação para o nativo” (CHOW, 1994, p. 132), o que significa dizer: em uma instância contextualizada culturalmente, a partir da reflexão do papel não imaginário do nativo

dentro do representado, é possível verificar uma problemática real.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

A análise do romance foi feita a partir da leitura do texto de Kroetsch em relação aos textos teóricos escolhidos, além de revisão bibliográfica de artigos que dialogam com o tópico estudado. A questão do silêncio em contraste com as vozes da narrativa é debatida a partir da perspectiva de Gayatri Spivak, Rey Chow, Homi Bhabha e especialmente do próprio Kroetsch, autores que buscam compreender a posição do subalterno a partir do discurso do sujeito soberano. As questões da representação e do problema de falar pelo Outro, debatidos por Bhabha, retomam problemáticas identitárias apresentadas ao longo da narrativa do romance e colaboram para demonstrar a maneira como o Outro é compreendido.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Ao final de *Gone Indian*, parece que a liberdade oferecida ao subalterno se dá por meio de estratégias imperialistas; mas é possível perceber nítida cisão a partir da estratégia narrativa de Kroetsch, que oferece ao seu protagonista, Jeremy Sadness, o controle narrativo por uma sequência considerável de capítulos, apresentando um discurso constituído por sua própria voz. Mais tarde, quando Sadness recupera seu gravador perdido e começa a usá-lo novamente, Mark Madham, responsável pela organização da voz e das fitas deixadas gravadas pelo seu aluno, passa a controlar a narrativa mais uma vez, impondo sua censura e suas ideias ao que é exposto ao leitor. Nesse sentido, é possível inferir que a estratégia do autor é de oportunizar um distanciamento e um silenciamento gradativo de Sadness, que some nas planícies brancas sem deixar vestígios e sem fazer ruído, oferecendo ao leitor uma outra perspectiva de compreensão da narrativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a perspectiva trabalhada neste recorte, é possível perceber o quanto as denúncias presentes no romance de Kroetsch podem contribuir para expor as relações assimétricas na sociedade canadense naquele momento em que a contracultura estadunidense deturpada em um viés romântico de libertação sem necessidade alguma de compromisso social e político davam o tom do rumo histórico dos eventos e reduziam drasticamente a liberdade do Outro nativo, reduzindo seu semblante ao espaço que o jovem escapista, como o próprio Jeremy Sadness, buscava para provar a si mesmo a possibilidade de uma transformação individual.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CHOW, R. Where Have All the Natives Gone?. **Displacements: Cultural Identities in question**, In: BAMMER, A. Indiana University Press, 1994, p. 123-151.
- SPIVAK, G. C. **Can the Subaltern Speak? Marxism and the interpretation of Culture**. London: Macmillan, 1988.